

Comércio da Favela de Vaurim

JORNAL REPUBLICANO, DEFENSOR DOS INTERESSES LOCAIS E O DE MAIOR CIRCULAÇÃO NO CONCELHO

Director e editor—Manuel A. Frasco

Redacção administração—Praça da República

Propriedade de Frasco & Companhia

Demonstrado e bem reconhecido está que, na terra portuguesa vivemos desde séculos numa macaqueação reciproca, desorante e ridícula.

Conquanto hajamos nos últimos trinta anos evolucionado ante o assombro do mundo, desaparecendo já quasi por completo aquele parranismo em que se acomodou perto de um século a antiga sociedade portuguesa, a realização da «Feira do Livro» entre nós, é, ainda, uma imitação vinda de Sevilha.

O devotado à literatura sr. almirante Augusto Osório, acidentalmente na terra maravilha de Espanha, visitou, observou, em toda a precisa minúcia o «ser» da Feira do Livro naquela cidade, gerando a ideia da sua realização nesta cidade de mármore, em carta dirigida ao livreiro e-litor sr. José Afra, que a refutou interessante e logo transmitiu a sugestão com o seu «placet» ao colega João de Eça, então presidente da Associação dos Livreiros Portugueses.

Acolhida a iniciativa com o entusiástico aplauso de uns, a costumada hesitação da maioria, surgiram os «carolas», teimosos, perseverantes, — ai da terra portuguesa sem os carolas, que são a vida das colectividades — lançando mãos ao empreendimento e no decorrer do ano de 1931, a «Feira do Livro», tornada uma imediata realidade, exhibiu-se no coração desta Mui Nobre Leal Cidade, graças aos devotados esforços dos livreiros-editores Ventura Abrantes, António Teixeira, José Afra, este último, foi o diplomata junto das entidades officiais.

Presidia então no Município o sr. General Vicente de Freitas, que lhes concedeu o máximo das precisas facilidades.

Afirmam os interessados que lhes será memorável a sua abnegada e profícua acção, o que lhe mereceu a nomeação de sócio honorário da prestante colectividade. A Cesar o que só a Cesar pertence.

O carinhoso apoio que a «Feira do Livro», mereceu a estrangeiros e nacionais, que constituem a população da nossa primeira capital, atesta o o prosseguimento nos últimos três anos e com tal êxito que, a directo-

A expansão do livro português

II

ria da Associação dos Livreiros projecta apresentar na Feira do Livro de 1935, uma surpreendente novidade nos «stands» para venda dos livros, que é hoje como que uma ideia em marcha, não há poder, ou voto de sócio da colectividade que lhe entrem o caminhar!

Embora o official da mesma profissão seja o nosso mais perigoso inimigo — um a um, reconhecem os livreiros dos relevantes serviços que à devotada causa da expansão do livro em Portugal, tem prestado o incorruptível democrata e prestigioso cidadão Gomes de Carvalho.

A homenagem merecida que lhe testemunham sem o menor esmorecimento, o que representaria uma ingratidão que a classe repudia, a bem do prestigio da sua dignidade moral, não inibe os livreiros-editores de

discordar, pelo menos, em parte, de sua opinião condenatória da realização da «Feira do Livro», com a agravante do prémio do desconto nas obras dos clássicos.

Ouvido o talentoso editor chefe da firma Guimarães & C.ª, da rua do Mundo, declara laborar em erro quem supõe que a «Feira do Livro» é de resultados contraproducentes. Reconhece que ela enferma do mal de terem sido deturpados os seus intuitos. Na Feira do Livro devia ser feita a propaganda exclusiva dos livros de auctores portugueses e de auctores brasileiros, ainda dos melhores de auctores estrangeiros traduzidos em Portugal, habituando assim aqueles que a ela concorrem, e que na sua maioria não entram nos estabelecimentos para comprar livros, a ler boa literatura.

Ecoss da Semana

CORREGEDOR DA FONSECA

Passou ontem o 13.º aniversário do falecimento do saudoso jornalista e nosso querido amigo sr. João Barbosa Corregedor da Fonseca, que à causa da República prestou serviços valiosos que dificilmente se poderão esquecer.

Recordamos com tristeza esta data luttosa que nos roubou um dos nossos amigos mais queridos.

MEDIDA ACERTADA

O Município solicitou do Instituto de Socorros a Náufragos para que seja demolida a antiga casa que serviu, por muitos anos, de Posto, e que hoje se destina a enfermaria.

A demolição torna-se necessária, como temos dito, porque a Câmara pretende sanear e ajornosear o exterior do Castelo, visto que este é o único monumento histórico que possuímos, digno de maior destaque.

E' de crer que o pedido da Câmara seja atendido por justo que ele é, como já aqui frisamos.

MINISTRO DA INSTRUÇÃO

Foi exonerado de Ministro da Instrução, por ter solicitado a sua demissão, o sr. dr. Alexandre Alberto de Sousa Pinto, estando a exercer as mesmas funções, interinamente, o sr. Ministro da Justiça, dr. Manuel Rodrigues Júnior.

FILOSOFIA DE TABERNEIRO

Um taberneiro italiano afixou na sua venda um cartaz com os seguintes dizeres:

«Freguezes, lembrai-vos de que quatro copos fazem um litro, e que dois litros fazem uma borracheira, duas borracheiras que se encontram fazem uma discussão, e uma discussão faz uma bulha; e uma bulha, dois policiaes; um juiz um escrivão e um continuo fazem uma multa, ou algum dia de cadeia, afóra as despesas. Bebei moderadamente pagai honradamente, e tornai para casa tranquilamente.»

COM 160 ANOS DE IDADE

O homem mais velho do mundo, o turco Zaro Agha, morreu ainda há poucos dias, em Istanbul, com a idade de 160 anos, pois tinha nascido em 1774.

De facto, a Feira, ocasiona uma sensível desvantagem durante os dias em que ela decorre, as livrarias sentem diminuição nas vendas.

Em compensação, passados os dias da exposição do livro na praça pública, a concorrência canalisa para as livrarias, desde que na Feira lhe vendam literatura de qualidade apreciável ao seu espirito, adquire-se fregueses para compras durante o ano.

Condena a concessão do bonus exagerado, o que prova ao público que a venda de livros é um negócio... da China. Não deve o prémio ir além de vinte por cento aos bons compradores.

Na Feira, devem ser expostos vistosos livros da melhor literatura para engrandecer a ideia digna do carinho do público.

Um habil técnico que actua na importante livraria clássica Bertrand, de acôrdo com o colega Gomes de Carvalho, diz-nos, que o mal do «bonus» vem do início da Feira e só prejudica o livreiro. Ainda é tempo de reduzir os elevados «bonus» que estão desmoralizando, de facto o bom nome dos livreiros.

Silva Pinto, o mais novo dos contemporâneos editores, homem de decididas iniciativas, a quem se deve o prestante elucidário — «Novidades Literárias», jornal, catálogo, bibliográfico, declarou nos o seu desacôrdo na afirmativa de Gomes de Carvalho: — Fialho de Almeida está bem na feira, foi sempre um boémio! Que importa, se nos legou uma formidável obra. Quantos dos nossos literatos foram boémios...

E' de opinião que para venda na feira, se deve organizar edições em papel inferior e a preços popularíssimos, evitando assim o «bonus», base do protesto do colega decano dos editores.

A feira, tem a vantagem de com sacrificio dos livreiros, se popularizar o nome e as obras dos nossos escritores. Um povo sãbiamente instruído exalta a sua Pátria.

Do nosso inquérito algo de útil advirá para a expansão do livro português.

R. LARANJEIRA

Leções, Águas de Colónia, Extratos finissimos, Sabonetes de Ach. de Brito e da Fábrica de Santa Clara. Temos um grande e completo sortido, aos melhores preços.

FRASCO & COMPANHIA

Vossa Excelência tem caspa? Quer que ela lhe desapareça? Use a esplêndida Água de Guina, da Perfumaria Beija-Flor, do Rio de Janeiro. E' de efeito rápido e seguro.

FRASCO & COMPANHIA

O NOSSO MINHO

O leitor que ainda não teve a ventura de percorrer o Minho não faz a mais pequena ideia do que seja esse bocado de terra portuguesa. Muitos dos nossos literatos, poetas e prosadores, têm-lhe dedicado páginas de brilhantíssimo relevo; todavia elas ficam, para mim, aquém da realidade. O Minho é bem o jardim de Portugal, ridente de flores, com rios duma suavidade enebriante, que nos extasia e enleva. Os seus vales, verdejantes, fazem reter a vista ao viandante maravilhado pela pujança que encerram. Tudo é belo, deslumbrante.

Os próprios ossais, caiados de branco, dos seus montes e vales têm a poesia sentimental do nosso povo. Tenho-o percorrido várias vezes e em mim vai crescendo sempre o amor intenso que voto à terra minhota. Eu desejaría que o Minho fôsse conhecido por todos os portugueses, para que todos mais amor vetassem ao torrão pátrio, que possui tão grandiosas belezas. Infelizmente, tal não acontece.

O português rico, quando quer dispôr de algum dinheiro para viajar, atira-se para o estrangeiro. Isto nada presta. E isto, para elle, é a terra portuguesa! Confra.

A terra estrangeira, para os nossos patrióticos que viájam, — é a maravilha, o Edem! Falai em Paris aos portuguezes e encontra-lo-eis babado. E porquê? Porque elle, infelizmente, não conhece a sua pátria, que contém belezas excepcionais, que ultrapassam as que, embalsado, contempla no estrangeiro. Isto é magoante.

O português rico, que se prese de patriota, deve, primeiro, conhecer a sua terra; sem este preliminar, não deve sair do seu país. Se o não fizer, julgando que se ilustra, engana-se. Dá ao estrangeiro que o vê fraca ideia de si.

Há alguns anos um distinto espanhol muito amigo de Portugal, D. Faustino Pietro, num almôço oferecido aos jornalistas do seu país que vieram de visita às praias e estâncias portuguesas, notáva-me, em conversa, a falta de gosto de muitos dos nossos patrióticos que viajavam lá fora, esquecendo o que os por dentro havia de encantador e belo.

E a propósito contou-me que um dia entretivera conversa em Paris com um português que lhe falou com entusiasmo da Suíça, da Holanda, da França, e da Belgica. Tudo, para elle, era deslumbrador, sem rival. D. Faustino perguntou-lhe se em Portugal nada havia que se parecesse com o que elle viu no estrangeiro.

O nosso patriótico não hesitou: — em Portugal tudo é fraco, uma porcaria...

O distinto espanhol, que bem conhece o nosso país, irritou-se e protestou, perguntando-lhe:

— Conhece Cintra? O Bussaco? Podras Salgadas? Bom Jesus do Monte? O Minho? Traz-os-Montes? As praias?

A tudo o nosso patriótico, meio intrigado e bastante vexado pela lição, respondeu negativamente.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL

Em reunião de assembleia geral efectuada na última quarta feira no edificio social da Associação Comercial, foi eleita a nova direcção que há-de gerir os destinos desta prestantíssima colectividade e cujos cargos foram assim distribuídos:

Presidente, António Gonçalves Linhares; Vice-presidente, José Correia dos Santos Rios; 1.º secretário, Manuel Azevedo Duarte; 2.º dito, José Joaquim de Figueiredo; Tesoureiro, Arnaldo Fontinha; Vogais; João Manuel Pinheiro e Joaquim Ferreira dos Santos.

Apresentamos aos eleitos as nossas saudações, desejando-lhes as maiores felicidades.

Alfredo Pinto

Esteve há dias na Povoia com pequena demora, o nosso bom e querido amigo sr. Alfredo Pinto, que sempre que para isso tem oportunidade não deixa de vir abraçar os seus amigos pôveiros que são todos aqueles que pela primeira vez d'ele se abeiram.

Recba o querido Pôveiro adventício os protestos da nossa mais alta consideração e estima.

Os nossos passeios

Dizem-nos que foi pedida a participação do Estado para o melhoramento dos passeios da rua dos Banhos, desde o Passeio Alegre à Escola Camões.

Porque é uma obra que se impõe (a ela nos temos referido por diversas vezes), regosijamos com a notícia, pois os passeios, tais como se encontram, só depõem contra o nosso Progresso e não condizem com o resto o que se tem feito naquela artéria.

Manuel Pinto de Azevedo

De visita ao nosso querido amigo sr. Santos Graça, esteve na Póvoa na quinta feira, o importante industrial sr. Manuel Pinto de Azevedo, a quem apresentamos os nossos cumprimentos.

«Pois o senhor desculpe-me — diz D. Faustino — mas não devia sair do seu país sem primeiro o conhecer, porque, então, voria que longe de ser uma porcaria, encerra belezas mais interessantes e deslumbradoras do que essas que para si tem estado a inumerar».

Eu creio que o que se deu com aquele patriótico sa dá, pelo menos, com 80 por cento dos que viájam lá por fora.

Nós, portuguezes, temos o péssimo hábito de dizer mal de tudo que é nosso. Pois é mister que semelhantes hábitos acabem; e que, com olhos de ver, reconhecamos que a par de coisas más, temos muitas e muitas coisas boas que nos prestigiam e elevam, constituindo o orgulho da nossa terra e da nossa raça.

SANTOS GRAÇA

A CANGA

Os chins têm um castigo muito usado, e ao mesmo tempo o mais característico — aquele a que damos o nome de canga.

A sua eficácia consiste menos na dor do que na infâmia que causa. Compõe-se a canga de duas pranchas com um buraco redondo no meio, por onde só cabe o pescoço do réu, que, depois de unidas, não é senhor de ver os pés nem de levar as mãos à boca e carece que outro lhe ministre a comida. Em ambas as faces da canga, costumam grudar umas tiras largas de papel, em que estão escritos, em grandes caracteres, o delicto que se pretende castigar e o tempo que deve durar a pena, para que qualquer viandante possa ler: é um ladrão, um sedicioso, um jogador, etc., condenado a trazer a canga dois ou três meses na praça de... Não é preciso dizer que sempre são preferidos os logares de maior concorrência, as praças, as encruzilhadas, a porta dalguma cidade ou templo.

Todavia, a canga causa tormentos físicos e mau é pôr em lha aos outros, pois há-de forçosamente trazê-la de dia e de noite, até o momento designado para lhe darem a liberdade. O péso ordinário da canga anda por 50 até 60 arráteis; mas, quando os delictos são gravíssimos, chega a ser de 200. Em tais circunstâncias acontece muitas vezes que a tristeza, a dor a falta de alimento e de sono, juntos à penosa opressão da carga, podem causar a morte do infeliz, a quem já não é dado esperar piedade.

É verdade que há meios engenhosos de diminuir o rigor do castigo, mas nem todos podem empregá-los. Alguns descansam a canga sobre uma mesa ou um banco; outros mandam fazer uma cadeira em que estão sentados entre quatro colunas de igual altura, que servem para suspender a coleira; os mais descarados deitam-se de barriga e servem-se do buraco onde têm o pescoço como duma janela para verem quem passa. Alguns gosam a sociedade dos seus parentes e amigos, que os acompanham e revezam-se para alternadamente os ajudarem a levar a carga ignominiosa.

Findo o prazo prescrito pelo mandam, tornam os seus officiais a levar o culpado à sua presença e aquele, depois de o exortar à emenda, manda-o embora, porém quasi nunca antes de lhe ter mandado dar, como correcção final, umas vinte bastonadas, tempêro necessário de todos os actos de justiça num país de que se pode dizer que o governo não sabe audar senão encostado a um pau...

Este suplicio ignominioso e revoltante da canga, usado pelos chins, seria herdado ou copiado da inquisição? Transformar o homem numa besta de carga equivale a pôr cabrestos nos refinados mandarins.

A HORA QUE PASSA

Já estão sabidos e consabidos em todas as suas minudências e detalhes, ainda os mais horrorosos e mais repugnantes, as experiências feitas pelo chefe do nazismo na sua abominável arrancada de 30 do mês passado.

Aquêle espirito generoso que acompanhou o alvorecer dos ideologos do nacionalismo germanico afogou-se agora em sangue e lama nessa tragédia lúgubre que assombrou e fez revoltar todo o mundo civilizado.

Os bárbaros do norte que apareceram no limiar da História maior contam nas suas paginas maior assomo de imprudência e ingratidão como as que se escreveram naquela belicosa Alemanha onde o Führer foi um idolo para se tornar agora um carasco.

Se é verdadeiro aquêle axioma latino «talis vita, finis ita», deve ser d'ora avante de remorsos, para o caudilho mer do Nacional-socialismo aquela aparente vida de reinado e de glória que lhe atormenta o fastigio.

A História há-de assinalar esse fenómeno que se gerou no ventre alemão como uma aberração de animalidade. E os factos o comprovarão...

LILIA

Jornalistas espanhóis

Visitaram a nossa praia, na segunda feira, os jornalistas espanhóis que tomaram parte na grande excursão de Vigo à Exposição Colonial do Porto.

Os nossos distintos visitantes, que levaram gratas impressões da nossa praia, almoçaram no novo Casino, em companhia do sr. Dr. Alfredo Magalhães, presidente da Câmara do Porto.

Vida comercial

Os nossos amigos srs. Belmiro Calafate e António Manuel Pinheiro acabam de tomar de trespasso a firma Francisco Carneiro & Irmão, o seu estabelecimento de ferragens e louças, sito à Praça do Almada. Desejamos-lhes imensas felicidades.

Pestais da Póvoa

Vai ser posta à venda num dos dias da próxima semana, uma nova colecção composta de 12 pestais da nossa Praia, ed tada pela casa Franco & Companhia.

Da nova colecção fazem parte algumas esplendidas vistas tiradas de avião, a fachada e interiores do novo Casino, a explanada do Carvalho e ainda outras da Praia de Banhos, Passeio Alegre, etc.